I'm not robot

O livro dos mortos em pdf

O livro egípcio dos mortos download em pdf.

Thank you for interesting in our services. We are a non-profit group that run this website to share documents. We need your help to maintenance this website. To keep our site running, we need your help to cover our server cost (about $400/m), a small donation will help us a lot. Please help us to share our service with your friends. Adriaan Willem Maria Antoine van Onselen Fátima Aparecida Ocampos Izaura Márcia da Silva Ortiz João Gabriel Garcia Fernandes Santos Maysa Andrade Leite de Barros O Livro dos Mortos do Antigo Egito Universidade Católica Dom Bosco Curso de História 1º semestre 2005 Adriaan Willem Maria Antoine van Onselen Fátima Aparecida Ocampos Izaura Márcia da Silva Ortiz João Gabriel Garcia Fernandes Santos Maysa Andrade Leite de Barros O Livro dos Mortos do Antigo Egito Este trabalho foi executado como tarefa solicitada pelo professor Neimar Machado e orientado por ele, para ser apresentado no dia 07 de junho de 2005. Agradecemos ao colega Fernando Augusto Azambuja de Almeida do 5º semestre pelo empréstimo do Livro dos Mortos. Universidade Católica Dom Bosco Curso de História 1º semestre 2005 Sumário 1- Prólogo ..... 4 2- Introdução.....5 3- A religião egípcia.....6 4- O Livro dos Mortos.....9 5- Considerações finais.....10 6- Bibliografia.....11 7- Anexo (Transparências exibidas.).....12 Prólogo Antes de iniciar a apresentação do Livro dos Mortos, cabe um comentário a respeito do prefácio de Luiz Carlos Teixeira de Freitas, da edição de 1982 da Hemus. O autor do prefácio critica a religião egípcia sugerindo ser ela e o Livro dos Mortos um "amontoado de disparates e loucuras", partindo do princípio de que a religião do Antigo Egito "era, como as outras, nada mais que um negócio". Apenas no final, deixa para o leitor decidir se o livro é "um chorrilho de loucuras, mentiras e disparates, produto de uma crença absurda, ou se, ao contrário, é um conjunto sublime de crenças e ciências esotéricas". Na opinião do grupo que apresenta este trabalho, o autor do prefácio é preconceituoso e enxerga o Antigo Egito através de olhos da cultura ocidental contemporânea. Seria o mesmo que dizer que a Bíblia é um amontoado de besteiras só porque existem seitas obscuras enriquecendo pastores obscuros. É preciso separar as coisas: religião, igreja, crenças, culto, dogmas e fiéis não podem ser confundidos com comércio, interesse e egoísmo, que giram em torno daqueles. De fato o comércio existia como existe hoje, mas isto não diminui em nada o valor da religião. Diminui sim o valor de alguns sacerdotes. Devemos sempre ter a sabedoria de separar a religião de oportunismo, sob pena de desrespeitar o que deve ser respeitado. Tal coisa pode levar à violência, da qual temos vários exemplos atuais. Introdução Pessoas não versadas em história tendem a considerá-la uma ciência de "segunda classe", fácil. Basta descobrir os fatos, tais como aconteceram, colocá-los em ordem cronológica e contar a história. Essas pessoas desconhecem as enormes dificuldades que se encontra para realizar um simples trabalho de primeiro semestre, tanto mais de uma pesquisa científica. As dificuldades começaram na aquisição de material. Numa cidade como Campo Grande, para escapar da exploração de livrarias, tivemos que contar com a sorte e a boa vontade de um colega, que, por acaso, tem um exemplar do Livro dos Mortos, pois nem mesmo o único exemplar da biblioteca conseguimos usar. Mas essa talvez tenha sido a menor dificuldade. O material reunido apresentava diferentes versões, tanto de coisas como de fatos e datas. E, diante disso, surgem as questões: Qual o valor da palavra escrita? Que informações são confiáveis? O trabalho de história é, além de uma procura de informações, um trabalho de organização e de raciocínio lógico. No entanto, expor dificuldades não é reclamar, ao contrário, é reconhecer que não fossem elas, não teríamos a mesma satisfação. Não apenas para compor a tarefa solicitada pelo professor, objetivamos com este trabalho ter e dar uma visão mais acurada do Antigo Egito e mostrar que ele não está tão distante de nós como pode parecer. O Livro dos Mortos não pode ser compreendido isoladamente. Ele é um guia religioso e deve ser estudado dentro do contexto histórico-religioso do Antigo Egito. Apresentamos o Livro dos Mortos após uma breve análise da religião e algumas implicações políticas mais importantes. Comparamos o homem atual com o primitivo nos seus aspectos religiosos, relacionamos a arte e a ciência egípcias com a religião, apresentamos dados sobre a origem, os deuses, o conteúdo moral, o culto e a existência além túmulo, suas características, a mumificação, a arquitetura fúnebre e a literatura que se refere à morte, na qual se insere o Livro dos Mortos. A religião egípcia O homem ocidental moderno tem a religião como algo à parte dos outros aspectos da vida. Ações do dia-a-dia não têm um sentido religioso. Muitos povos, entretanto, vivem a religião na própria identidade da etnia, todas as ações e pensamentos têm um sentido religioso, ignorando, desta forma, o conceito de religião (Meslin. s.d. p.1.). Os egípcios eram assim. A religião impregnava suas vidas em todos os aspectos, não só os referentes às pessoas como de tudo o que os cercava: da cheia do Nilo à morte de um gato. Tudo dependia da disposição dos deuses. Não havia separação entre religião e estado. "Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" não faria sentido porque o Faraó era um deus (Casson. 1972. p.71.). Daí o fato de a civilização egípcia ter se desenvolvido a tão alto grau nas ciências e nas artes, notadamente na medicina e na arquitetura, dever-se à religião. A religião produziu uma coesão que ajudou a civilização egípcia a sobreviver quase 3.000 anos sem grandes mudanças. A religião egípcia tem origem na pré-história. A religião surge para explicar os fenômenos naturais para diminuir a ansiedade diante do desconhecido e manter a produtividade (Resende. 1991. p. 15 – 16.). Como qualquer povo primitivo os egípcios respeitavam a natureza e seus fenômenos: a ferocidade do leão, a força do crocodilo, os cuidados maternais da vaca. Isto fez com que as primeiras divindades fossem relacionadas com os fenômenos da natureza e também tivessem forma de animais, mesmo que se ocupassem em cuidar e dirigir os humanos. Anúbis, guarda dos túmulos e deus dos mortos, era representado por um chacal deitado. Essa associação do chacal com os mortos se deve ao fato de ele desenterrar ossos humanos, o que levou os egípcios a colocar pedras sobre as sepulturas. Este talvez fosse o embrião das grandes construções. Muitos animais eram criados nos templos como deuses, entre eles o gato, que representava Bastet, uma deusa do amor de Bast; o crocodilo, que representava Sabeque, deus de Crocodilópolis. Sendo deuses, esses animais eram mumificados quando morriam. Além dos deuses animais, havia deuses relacionados com as manifestações da natureza, como Ra, o Deus Sol de Heliópolis (Cidade do Sol em grego). O culto à natureza se dá nas sociedades primitivas porque o homem é dominado pelo mundo. Ao adquirir experiência e desenvolver técnicas de domínio da natureza a tendência é de antropomorfizar os deuses. Foi o que aconteceu ainda antes da primeira dinastia. Porém o animismo era tradição, por isso os deuses se tornaram uma mistura de homens e animais, como Hórus, que tinha corpo de homem e cabeça de falcão. Somente mais tarde, na época da fundação de Mênfis no Antigo Império, surgiram deuses com formas totalmente humanas, o que não quer dizer que os deuses zoomórficos foram abandonados (Casson. 1972. p. 72.). A galeria dos deuses egípcios era imensa, cada cidade ou localidade tinha o seu deus. Um deles poderia adquirir destaque nacional conforme a sua cidade se tornasse importante na política, sem que os deuses locais fossem abandonados. Como exemplo temos o deus Ra, o Deus Sol de Heliópolis, que ganhou importância na quarta dinastia e o Faraó tornou-se o Filho de Ra. Como qualquer religião a dos egípcios tinha um conteúdo moral relacionado com ordem, verdade, justiça e retidão. Esse aspecto moral da religião tinha o nome de Maat e era uma qualidade do mundo, colocada nele pelos deuses no momento da criação, e não do homem. Sendo obra dos deuses e não da consciência humana, a Maat era perfeita e imutável, não havendo qualquer crítica séria da estrutura da sociedade, a não ser no Primeiro Período Intermediário quando as dificuldades levaram o povo a esperar que a Maat fosse praticada. Esse conceito de justiça social durou pouco tempo, terminou assim que o Médio Império restabeleceu a prosperidade. O mundo era como devia ser, afinal foi criado pelos deuses. Não era possível ter havido época melhor ou pior, nem haveria depois. Por isso não há Jardim do Éden, nem fim do mundo na mitologia egípcia (Casson. 1972. p. 74.). O culto na religião egípcia era mais importante que a doutrina. Para estar em dia com a religião era necessário praticar o culto, pouco importando a concepção doutrinária. O culto era principalmente local. (Giordani. 1972. p. 105). O culto era de exaltação aos deuses, até a tentativa de reforma monoteísta de Aquenaton. Sua reforma não teve êxito, mas deixou uma transformação que mudou a relação dos deuses com os homens. Por exemplo, um hino ao deus Ra, anterior a Aquenaton, declara: "Como és belo quando te levantas no horizonte e iluminas as Duas Terras com os teus raios". Outro hino, posterior a Aquenaton, do reinado de Ramsés IV, diz: "E tu me darás saúde, vida e idade avançada, um longo reinado e força a todos os meus membros ... e me darás de comer ... e me darás de beber ...". Os deuses que antes eram os criadores do universo passaram a ser responsáveis pelo bem estar das suas criaturas (Casson. 1972. p. 80.). As crenças dos egípcios a respeito da morte eram de que há uma vida além-túmulo. Essas crenças tinham origem na pré-história. Foram encontrados túmulos da era neolítica que continham objetos e víveres com características de haver a intenção de serem usados (Casson. 1972. p. 76). Eles encaravam o além como uma repetição dos melhores momentos da existência terrena e passavam grande parte do seu tempo preparando o túmulo e os objetos que deviam levar. Acreditavam que no além teriam necessidade deles, além dos alimentos. A falta deles, principalmente dos alimentos poderia causar uma segunda e definitiva morte. Além dos objetos úteis eram também colocadas figuras dos servos e das concubinas. No início apenas os Faraós e suas famílias tinham o privilégio da vida além-túmulo. Esse privilégio estendeu-se aos nobres no fim do Antigo Império. Com as mudanças nas classes sociais no primeiro período intermediário, os mortais de origem obscura, ao assumirem posições elevadas, passaram a ter o privilégio da vida além-túmulo, estendendo-o, assim, às pessoas comuns, desde que pudessem pagar pela preparação do túmulo (Casson. 1976. p. 76.). A mumificação era praticada porque consideravam a vida além-túmulo como uma existência corporal. Por isso, além da mumificação o morto era sepultado com comida, roupas, jóias e objetos de que pudesse precisar. Mesmo os sepultamentos mais simples mostram algum esforço para equipar o morto (Casson. 1976. p. 78.). Pode parecer que os egípcios eram mórbidos e tristes pelo fato de se preocuparem e se ocuparem tanto com a morte, mas isto é um engano, eles encaravam a existência além-túmulo como uma feliz continuação da vida terrena e se dedicavam a ela com entusiasmo. Os egípcios concebiam o ser humano como tendo nove princípios: Khet, o corpo; Ka, a personalidade espiritual; Ba, a alma; Khai Bit, a sombra; Akh, o espírito; Ib, o coração; Sekhem, a energia espiritual; Ren, o nome e Sakh, o corpo espiritual (Christophe. 1971. 53, p. 108.). Para entendermos a vida além-túmulo dois desses princípios são mais importantes: Ba, a alma e Ka, uma espécie de duplo imaterial do corpo que continuava a vida após a morte em dependência do corpo físico (Giordani. 1972. p. 113.). Eis o porquê da mumificação dos corpos e da intenção de eternidade dos túmulos. Isto levou a um altíssimo grau de desenvolvimento da medicina e da arquitetura. O morto era julgado no tribunal composto por 42 juízes, cada um representando um nomo, e presidido por Osíris. O julgamento consistia em pesar o coração do morto numa balança cujo contrapeso era uma estátua de ouro da deusa da justiça Maât (Giordani.1972. p. 114.) ou, em outra versão, uma pena de avestruz, símbolo da verdade (Christophe. 1971. 52, p. 81.). Não havendo equilíbrio o morto seria devorado pelo devorador de almas representado por um deus crocodilo. Entretanto o morto podia fazer sua defesa em que faz a confissão negativa, em que declara sua inocência segundo o capítulo CXXV do Livro dos Mortos: "Não causei sofrimento aos homens. Não empreguei violência com meus parentes. Não substitui a justiça pela injustiça. ... Não trabalhei em meu proveito em excesso. ... Não matei e não mandei matar. ... Não monopolizei jamais os campos de cultivo. etc." O mundo dos mortos era subterrâneo e se localizava no ocidente, onde o sol iniciava sua jornada noturna. A travessia da alma do morto era feita num barco. Os túmulos eram construídos para durarem eternamente, já que se acreditava que a existência além-túmulo estava ligada à conservação do corpo físico. Importantes também eram as inscrições e os textos: O Livro dos Dois Caminhos, o Livro das portas (Brissaud. 1978. p. 321.), os Textos das Pirâmides (compilação do Antigo Império gravada principalmente no interior de pirâmides da V e VI dinastias), os Textos dos Sarcófagos (compilação da IX dinastia), o Livro dos Mortos (compilação que substitui os Textos dos Sarcófagos no início da XVIII dinastia, no Novo Império) e várias compilações do Vale dos Reis (Giordani. 1972. p. 113.). O Livro dos Mortos O Livro dos Mortos é uma coleção de fórmulas que facilitam a passagem para o além. O livro data do Novo Império e é considerado o mais importante da literatura egípcia antiga. O nome Livro dos Mortos é o título dado pelos árabes: Kitabul-maitim. O título original em egípcio era Per-em-hru, Livro da chegada à luz. Compõe-se de 180 capítulos (Barsa. 1987. 10, p.194a.) (A edição da Hemus está dividido em 190 capítulos). e era escrito em papiro ou couro, colocado numa caixa decorada com a imagem de Osíris, a qual era colocada no sarcófago. Foram encontradas centenas de exemplares, com ligeiras diferenças entre eles (www.omnix.hpg.ig.com.br), que estão em diversos museus do mundo (Barsa. 1987. 10, p.194a.). Muitos capítulos são acompanhados de instruções para recitar a fórmula. Por exemplo, o capítulo XIII, A entrada para o Amenti (habitação dos mortos, a segunda etapa da Viagem, morada de Osíris, onde são julgados.) "Entro no Céu como um Falcão. Percorro as regiões do Céu como Fênix. Os deuses adoram Ra e ele prepara os caminhos. Agora penetro na bela Amenti. Eis-me junto ao Lago sagrado de Hórus; amarrei seus cães. Que o Caminho me seja aberto! Possa eu percorrê-lo e ir adorar Osíris, Senhor da Vida Eterna." RUBRICA "Recitar este capítulo junto a uma coroa feita de flores Ankham colocada perto do ouvido direito do morto; recitar igualmente junto a outra coroa envolta em tecido de cor púrpura, no qual, no dia dos funerais, será inscrito o nome do morto." (O Livro dos Mortos. 1982. p. 30 – 31.) O Livro dos Mortos foi descoberto por Jean-François Champollion, por volta de 1830, quando estudava material egípcio no Museu de Turim, especialmente um papiro de vinte metros coberto de hieróglifos dispostos verticalmente, e outros fragmentos diversos. Chamou de "Ritual funerário", já que tratavam da morte e do culto aos mortos. Ricardo Lepsius, que vinha estudando o livro desde 1836 deu a primeira versão para o nome do livro: "Saída para o dia". Existem três edições em inglês: a de Birch, de 1867; a de Le Page Renouf, de 1897, que não foi terminada e a de W. Budge, de 1898. Existem duas edições em francês: a de P. Pierret, de 1882 e de Gregory Kolpaktchi, de 1954 e existe , ainda, uma edição espanhola de Juan Bergua, de 1960. A edição em português da Hemus, traduzida por Edith Carvalho Negraes, não esclarece a partir de que edição foi traduzida. (O Livro dos Mortos. 1982. p. 12.) Mário Curtis (1972. p. 113.) afirma que o Livro dos Mortos é uma compilação que substitui os Textos dos Sarcófagos no início da XVIII dinastia (1580 – 1335 aC.(?)). Segundo a edição em português de 1982 da Hemus o autor é anônimo. Mas se o livro é uma compilação de textos anteriores, a autoria é dos sacerdotes do início da XVIII dinastia. Existe um códice (exemplar mais bem conservado) do escultor Neferrenpet (1279 – 1213 aC.), que viveu na época de Ramsés II (www.ucdb.br/neimar), da XIX dinastia, mas o que confirma a época é o fato de que Aquenaton (1370 – 1352 aC.) teria punido um sacerdote por ter vendido um exemplar do Livro dos Mortos a uma mulher(Christophe.1971.52,p.77). Considerações finais Sabemos que a nossa civilização ocidental contemporânea se apóia em dois pilares históricos: um grego e um hebreu, o pensamento racional e o cristianismo. Por sua vez esses pilares se apóiam em outros, entre os quais o Antigo Egito, tanto o grego como o hebreu. Platão, Aristóteles, Heródoto, entre outros estiveram no Egito observando sua cultura. Devemos, portanto, o que somos também ao Egito. A noção que temos da alma é a mesma de Platão, independente do corpo. Esta noção veio até nós via neoplatonismo, que influenciou a Patrística e via Aristóteles, o grande influenciador da Escolástica. Platão se opõe ao pensamento egípcio a respeito da alma, mas opor-se não é negar e sim confirmar influência. O costume ocidental contemporâneo de colocar flores nos túmulos e o costume que muitas pessoas têm de conversar com os mortos diante dos túmulos nos leva a considerar que há muitas semelhanças com o Antigo Egito, que dificilmente podem ser atribuídas ao acaso. Compreender a antiga cultura egípcia é compreender melhor a nossa própria. A noção que temos da vida além-túmulo certamente tem uma influência egípcia via gregos e hebreus. Bibliografia 1 - BRISSAUD, Jean-Marc. O Egito dos Faraós. Grandes civilizações desaparecidas. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978. p. 321. 2 - CASSON, Leonel. O Antigo Egito. Biblioteca de história universal Life. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972. p. 70 – 91. 3 - CHRISTOPHE, Micheline. O Antigo Egito. In: Enciclopédia Bloch julho de 1971, nº 51, ano 5. p. 75 – 81./agosto de 1971, nº 52, ano 5. p. 75 – 81./setembro de 1971, nº 53, ano 5. p. 108 – 114./outubro de 1971, nº 54, ano 5. p. 93 – 98./novembro de 1971, nº 55, ano 5. p. 119 – 124. 4 - ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro/são Paulo: Encyclopaedia Britannica, 1987. 10, p. 194a. 5 - GIORDANI, Mário Curtis. História da antiguidade oriental. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 55 – 118. 6- MESLIN, Michel. Experiência humana do divino. In: MARQUEADES, Brasdorico. O sentido do termo religião. Texto 1, p. 1. 7 - O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO. Tradução de Edith de Carvalho Negraes. São Paulo: Hemus, 1982. 356p. 8- RESENDE, Antonio. Curso de filosofia. 4º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 15 – 16. 9- 16/05/2005 10- 02/06/2005 8h 45min. Anexo (Transparências exibidas) A RELIGIÃO EGÍPCIA ??Homem ocidental moderno – Religião separada dos outros aspectos da vida. ??Povos primitivos – Ignoram o conceito de religião, pois não há separação. ??Religião – Explica fenômenos naturais, diminui a ansiedade e mantém a produtividade. ??Egípcios – A religião impregnava tudo. Da cheia do Nilo à morte de um gato, tudo dependia dos deuses. "Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" não teria sentido porque o Faraó era um deus. – O desenvolvimento das artes e ciências se deve à religião. – A religião produziu uma coesão que ajudou a civilização a sobreviver quase 3.000 anos sem grandes mudanças. ??Origem – Na pré-história. Homem dominado pela natureza respeito à natureza Deuses ligados à natureza: deus sol (Ra) e deuses animais (Anúbis, guarda dos túmulos representado por um chacal.) (O chacal desenterrava ossos humanos pedras sobre os túmulos.) – Período pré-dinástico – Domínio do homem sobre a natureza antropomorfização dos deuses deuses zoomórficos + deuses meio zoomórficos, meio antropomórficos (Hórus, homem com cabeça de falcão) e deuses antropomórficos. – Animais divinizados eram criados nos templos: gato, boi, crocodilo. Eram mumificados após a morte. ??Deuses – Eram muitos, cada cidade ou localidade tinha seu deus. – Um deles poderia ganhar destaque nacional conforme sua cidade ganhasse importância política. Ex: Ra (deus sol) de Heliópolis na IV dinastia. ??Conteúdo moral – Maat, conceito relacionado com ordem, verdade, justiça e retidão. – Maat = criação dos deuses perfeição ausência de crítica social. ??Culto – Era mais importante que a doutrina e era local. – O culto era de exaltação dos deuses. – Após Amenófis IV (Aquenaton) os deuses passaram a ser responsáveis pelos homens. ??A existência após a morte. – Existe vida além-túmulo. – Crença presente já na pré-história. – Existência feliz, repetição dos melhores momentos terrenos. – Possibilidade de uma segunda e definitiva morte por falta de objetos e principalmente de alimentos. – Mumificação porque a existência além-túmulo estava ligada à existência corporal. – Os nove princípios do ser humano: Khet, o corpo; Ka, a personalidade espiritual; Ba, a alma; Khai Bit, a sombra; Akh, o espírito; Ib, o coração; Sekhem, a energia esperitual; Ren, o nome e Sakh, o corpo espiritual. – Ka, um duplo imaterial do corpo, que continua após a morte na dependência do corpo material, mumificação e túmulos com intenção de eternidade, desenvolvimento da medicina e da arquitetura. – Localização – No ocidente, onde o sol inicia sua jornada noturna. – Lugar subterrâneo. – Passagem – Feita num barco. – Julgamento – Tribunal composto por 42 juízes, um para cada nomo. – Presidido por Osíris. – O coração era pesado – contrapeso – estátua de ouro de Maât (deusa da justiça). – uma pena de avestruz (símbolo da verdade). – equilíbrio vida eterna. – desequilíbrio devorado pelo devorador de almas (deus crocodilo). – Defesa – (A confissão negativa, Capítulo CXXV) – Não causei sofrimento aos homens. – Não empreguei violência com meus parentes. – Não substituí a justiça pela injustiça. – Não frequentei os maus. – Não trabalhei em meu proveito em excesso. etc. ??Como os egípcios encaravam a morte. – Não eram mórbidos e tristes. – Encaravam a vida além-túmulo como uma feliz continuação da vida terrena. – Dedicavam-se a ela com entusiasmo. – Qualquer um que pudesse pagar não poupava esforços. ??Privilégio da vida além-túmulo. – No início apenas os Faraós e suas famílias. – No fim do antigo império, extendido para os nobres. – Primeiro período intermediário - Mortais de origem obscura assumem posições elevadas ------ privilégio da vida além túmulo ------ privilégio estendido às pessoas comuns que podiam pagar. ??Textos da literatura egípcia que se referem à morte: – Além da mumificação e dos túmulos, eram importantes os textos. – O Livro dos Caminhos. – O Livro das Portas. – Textos das Pirâmides (Antigo Império, V e VI dinastias). – Textos dos Sarcófagos (IX dinastia). – O Livro dos Mortos (início da XVIII dinastia). – Várias compilações do Vale dos Reis. O LIVRO DOS MORTOS ??Finalidade – É uma coleção de fórmulas que facilitam a passagem para o além. ??O que é – É uma compilação que substitui os Textos dos Sarcófagos. ?? Autor – Anônimo. ??Época – Início da XVIII dinastia no Novo Império. O códice é do reinado de Ramsés II. ??Título – Per-em-hru (Livro da Chegada à Luz) é o nome do livro em egípcio. – O nome Kitabul-maitim (O Livro dos Mortos) é árabe. ??Composição – 190 capítulos, muitos deles acompanhados de instruções. ??Exemplares originais – Centenas, em papiro e couro, encontrados nos sarcófagos, além dos gravados nas paredes dos túmulos. Informações contemporâneas ??Descoberta – Jean-François Champollion no Museu de Turim, por volta de 1830. ??Estudos – Ricardo Lepsius. 1836. ??Primeira versão do nome – Saída para o dia. Por Ricardo Lepsius em 1842. ??Edições – inglês – Birch, 1867. – Le Page Renouf, 1897 (não terminada). – W. Budge, l898. – Francês – P. Pierret, 1882. – Gregory Kolpaktchi, 1954. – Espanhol – Juan Bergua, 1960. ??Edição em português – Título: O Livro dos Mortos do Antigo Egito. – Autor: Anônimo. – Tradução: Edith Carvalho Negraes. (não esclarece a partir de que edição.) – Prefácio: Luiz Carlos Teixeira de Freitas. – Editora: Hemus. – Local: São Paulo. – Ano: 1982. – 356p. (190 capítulos.) O Livro dos Mortos, como é conhecido popularmente, é o nome dado a uma coletânea de textos e hinos religiosos do antigo Egito, escritos em sua maior parte em rolos de papiros e colocados nos túmulos junto das múmias. A principal função dos textos era ajudar o morto em sua viagem para o outro mundo, garantindo-lhe uma passagem segura na viagem para o além. Ritos diante da Tumba – Página do Livro dos Mortos de Hunefer (XIV Dinastia) – www.britishmuseum.org "Os antigos egípcios não mencionavam a morte diretamente, ao invés disso, tinham muitos eufemismos. Por exemplo, a margem oeste do Nilo, foi associada a morte (o sol morria lá todos os dias, e os mortos foram enterrados em cemitérios no lado oeste), se alguém morria, era dito que a pessoa tinha "ido para o oeste/ocidente". Os mortos foram muitas vezes chamados de "Verdadeiros da palavra". (REMLER, 2010, p.32). O julgamento após a morte preocupava muito os antigo egípcios. Por isso acredita-se que principalmente os Faraós tinham uma responsabilidade muito grande em vida, de não cometer injustiças com o povo. Os textos eram atribuídos ao deus da escrita, Thoth. Nas eras mais remotas do antigo Egito, apenas os nobres tinham acesso aos textos sagrados, mas com o passar do tempo a população começou a ter acesso também. Todos esses textos eram intitulados pelos egípcios de "Capítulos do Sair à Luz (dia) ou Fórmulas para Voltar à Luz (dia)" (Transliterado: rw nw prt m hrw). O Livro dos Mortos é datado da época do Império novo e, como já vimos anteriormente no site, os textos contidos nele não foram os primeiros com esse objetivo. Existiram ainda os textos das pirâmides e os textos dos sarcófagos, respectivamente no antigo Império e no médio Império. Alguns textos eram escritos nas paredes e se assemelhavam com a maneira utilizada no antigo Império. Segundo REMLER (2010, p.32), "Cerca de 200 diferentes feitiços ou capítulos aparecem no Livro dos Mortos, mas eles não tem uma ordem fixa." Página do Livro dos Mortos (XXI Dinastia) – Esta cena mostra Nedjmet e Herihor, seu marido (cujo local de enterro nunca foi encontrado) fazendo oferendas para Osíris, Isis e os quatro filhos de Hórus, que também estão assistindo a uma pequena cena da pesagem do coração – www.britishmuseum.org Veja também o ritual de mumificação e julgamento do morto clicando aqui. Quer mais livros sobre o tema? Clique aqui. Artigos, teses e matérias sobre o antigo Egito? Clique aqui. Autor: Lucas Ferreira Fontes / Referências: – BAINES, John; MALIK, Jaromir. Cultural Atlas of Ancient Egypt. London: Andromeda Oxford Limited, 2008. – BUDGE, Wallis. Osiris, The egyptian religion of resurrection. Publisher: University Books, 1961. – REMLER, Pat. Egyptian Mythology A to Z. 3. ed. Publisher: Chelsea House, 2010. – SHAW, Ian. The Oxford Illustrated History of Ancient Egypt. Oxford: Oxford University Press, 2000. Sites / Referências: – – – – Indicação bibliográfica: BUDGE, Ernest Alfred Wallis. O Livro Egípcio dos Mortos. 6.ed. São Paulo: Pensamento, 2009. 567 pgs. LOPES, Maria Helenda Trindade. O Livro dos Mortos do Antigo Egipto. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991. 294 pgs. O livro dos mortos do antigo Egito. O primeiro livro da humanidade. Tradução de Edith de Carvalho Negraes. 12.ed. São Paulo: Hemus, 2007. 256 pgs. SELEEM, Ramses. O Livro dos Mortos do Antigo Egito. 1.ed. São Paulo: Madras, 2003. 175 pgs. Leitura recomendada: